



**FACULDADE REGIONAL BRASILEIRA – UNIRB/FARB  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**DANYELLE PEREIRA DE SANTANA**

**QUAL O LUGAR DA PSICOLOGIA NO COMBATE À HOMOFOBIA E À  
VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO BRASIL?**

Arapiraca  
2023

**DANYELLE PEREIRA DE SANTANA**

**QUAL O LUGAR DA PSICOLOGIA NO COMBATE À HOMOFOBIA E À  
VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO BRASIL?**

Trabalho de conclusão de curso como  
requisito para a obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia, da FACULDADE  
REGIONAL BRASILEIRA – UNIRB/FARB  
Orientador: Prof.<sup>a</sup>. Esp. Carla Milene Silva  
Lins.

Arapiraca  
2023

**BIBLIOTECA ZUZA PEREIRA / FACULDADE UNIRB ARAPIRACA – UNIRB**

SANTANA, Danyelle pereira de

Qual o lugar do psicólogo no combate à homofobia e a violência contra a população lgbtqi+ no brasil? / Danyelle Pereira De Santana – Arapiraca Al, 2023.

46f.

Monografia (graduação) do Curso de Bacharelado em Psicologia–  
Faculdade Unirb Arapiraca – UNIRB.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**QUAL O LUGAR DA PSICOLOGIA NO COMBATE À HOMOFOBIA E À  
VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO BRASIL?**

**DANYELLE PEREIRA DE SANTANA**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Psicologia. Orientadora: Prof.(a) Carla Milene  
Silva Lins.

**Trabalho aprovado com média 8.5 em: 03/07/2023**

### BANCA EXAMINADORA

*Carla Milene Silva Lins*

---

Esp. Carla Milene Silva Lins - Orientadora

*Bruna Ramos Santos*

---

Esp. Bruna Ramos Santos – Examinadora

*Tayná Caroline Silva Sousa*

---

Esp. Tayná Caroline Silva Sousa – Examinadora

**Arapiraca**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado essa jornada até o presente momento.

Quero expressar minha gratidão aos meus pais e minha irmã, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando a não desistir, mantendo-se confiantes em minha capacidade de alcançar conquistas e vitórias.

À minha madrinha Ivana, que é um exemplo como profissional na área da psicologia e foi quem despertou em mim o desejo de seguir essa carreira. Espero poder me tornar uma profissional tão maravilhosa quanto ela.

A todos os outros que, de forma direta ou indireta, torceram pelo meu sucesso, expresse meu sincero agradecimento.

Um dia veio a peste e acabou com toda vida da face da terra:  
Em compensação ficaram as Bibliotecas... E nelas estava  
meticulosamente escrito o nome de todas as coisas!  
- Mario Quintana, 1989.

## **RESUMO**

Compreender os termos homofobia, preconceito e violência é fundamental para entender a dinâmica sociocultural e política das pessoas LGBTQIA+ na situação atual. Embora haja avanços na aceitação da homossexualidade, o debate sobre o tema é importante para compreender os tipos de violência mais comuns vivenciados atualmente por pessoas LGBTQIA+ no Brasil, bem como as principais consequências e atitudes tomadas sobre o tema. Nesse sentido, destaca-se o papel fundamental do profissional da psicologia no acompanhamento e suporte às pessoas LGBTQIA+. É essencial que esses profissionais estejam atentos à qualidade de vida dessas pessoas, compreendendo plenamente como as vivências de violência, preconceito e rejeição afetam sua saúde mental e podem causar uma série de danos. Para abordar essa temática, este trabalho adota uma metodologia qualitativa, baseada em uma análise bibliográfica. A revisão narrativa da literatura tem como objetivo descrever e discutir o desenvolvimento da homofobia e do comportamento violento na sociedade, considerando fatores contextuais. Através da análise e reflexão sobre a literatura existente, busca-se contribuir para a conscientização e promoção de políticas e ações que visem combater a homofobia e a violência contra a população LGBTQIA+. A partir do conhecimento adquirido, é possível implementar estratégias de acolhimento, suporte emocional e fortalecimento psicológico, visando melhorar a qualidade de vida e bem-estar desses indivíduos.

**Palavras-chave:** Brasil; LGBTQIA+; Violência; Homofobia

## **ABSTRACT**

Understanding the terms homophobia, prejudice, and violence is fundamental to understanding the sociocultural and political dynamics of LGBTQIA+ people in the current situation. Although there are advances in the acceptance of homosexuality, the debate about the theme is important to understand the most common types of violence currently experienced by LGBTQIA+ people in Brazil, as well as the main consequences and attitudes taken about the theme. In this sense, the fundamental role of the psychology professional in accompanying and supporting LGBTQIA+ people is highlighted. It is essential that these professionals pay attention to the quality of life of these people, fully understanding how experiences of violence, prejudice and rejection affect their mental health and can cause a series of damages. To approach this theme, this paper adopts a qualitative methodology, based on a bibliographic review. The narrative literature review aims to describe and discuss the development of homophobia and violent behavior in society, considering contextual factors. Through analysis and reflection on the existing literature, it seeks to contribute to raising awareness and promoting policies and actions aimed at combating homophobia and violence against the LGBTQIA+ population. From the knowledge acquired, it is possible to implement strategies of welcoming, emotional support and psychological strengthening, aiming to improve the quality of life and well-being of these individuals.

**Keywords:** Brazil; LGBTQIA+; Violence; Homophobia

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Total de denúncias/violações contra LGBT recebidas pelo Disque 100 (2011 a 2016) .....	20
--	----



## **LISTAS DE TABELAS**

Tabela 1 – Resultados e discussões.....	36
---	----

## **SUMÁRIO**

**11**

**14**

14

14

**15**

**17**

17

22

25

29

31

32

**35**

**39**

**42**

## **1. INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o papel da Psicologia no combate à homofobia e à violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil, com o intuito de refletir sobre sua contribuição para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos. Nesse contexto, é essencial compreender como a Psicologia pode desempenhar um papel significativo tanto na promoção da saúde mental dessas pessoas quanto na prevenção de atos de violência direcionados a elas.

De acordo com Dias et al. (2019), a homofobia e a violência contra a população LGBTQIA+ são problemas urgentes que demandam uma abordagem multidisciplinar, envolvendo diferentes áreas de conhecimento, incluindo a Psicologia. A compreensão dos fatores psicossociais que contribuem para a perpetuação da homofobia e da violência é fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de intervenção e prevenção.

Para Pinto et al. (2020), a Psicologia desempenha um papel fundamental ao oferecer suporte emocional, orientação e acompanhamento psicoterapêutico para indivíduos LGBTQIA+ que foram vítimas de violência ou que sofrem com o impacto negativo da homofobia. Para além disso, a Psicologia pode atuar na conscientização, educação e sensibilização da sociedade, promovendo a igualdade de direitos e o respeito à diversidade sexual e de gênero.

Destarte, sabemos que a diversidade sexual e de gênero é uma realidade presente em nossa sociedade, porém, lamentavelmente, ainda é acompanhada por preconceito e discriminação. A homofobia, “termo mais frequentemente utilizado para descrever o preconceito direcionado contra a população LGBTQIA+” (Bastos, Garcia e Sousa, 2017, p. 22), juntamente com a violência<sup>1</sup>, são questões urgentes que exigem atenção e ação de vários setores da sociedade, incluindo a Psicologia. O foco desta pesquisa, portanto, é analisar e discutir essas questões, com ênfase na especificidade demográfica no contexto nacional brasileiro

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender o papel da Psicologia no combate à homofobia e à violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil e de que forma pode contribuir para enfrentar e prevenir essas formas de

---

<sup>1</sup> Alguns grupos sociais estão vulneráveis a sofrerem cotidianamente atos violentos, a exemplo daqueles considerados estigmatizados, como a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais como resultado da homofobia social” (Moura et al, 2022, p. 33).

discriminação, promovendo a inclusão, a igualdade e o respeito pelos direitos humanos.

De maneira mais específica, pretendemos identificar e analisar os diferentes tipos de violência vivenciados pela população LGBTQIA+ no Brasil, buscando compreender o impacto dessas experiências na saúde mental dos indivíduos. Serão exploradas as formas de violência física, psicológica, social e institucional, assim como suas consequências para o bem-estar e qualidade de vida. Investigar a categoria social LGBTQIA+ e as relações sociais e discriminações enfrentadas por essa população no contexto brasileiro. Serão abordados também os processos de estigmatização, preconceito, marginalização e exclusão social, bem como a influência desses fatores na construção da identidade e na vivência cotidiana dos sujeitos. Mapear as redes de cuidados existentes e que oferecem acolhimento e suporte a população LGBTQIA+ também faz parte dos objetivos específicos deste estudo.

Neste estudo também serão explorados os fundamentos teóricos e os marcos legais relacionados aos direitos LGBTQIA+, bem como as abordagens psicológicas utilizadas no enfrentamento da homofobia e na promoção do bem-estar dessa população. Além disso, serão examinadas as políticas públicas, programas e ações desenvolvidas pela Psicologia no contexto brasileiro, visando à conscientização, prevenção e superação dessas formas de violência.

A relevância deste tema reside na necessidade de se compreender o papel da Psicologia como uma ferramenta de transformação social, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e respeitosa, no que diz respeito a todas as orientações sexuais e identidades de gênero não hierarquizada das identidades. (Da Silva, 2021).

Ao explorar o lugar ocupado pela Psicologia no combate à homofobia e à violência contra a população LGBTQIA+, espera-se ampliar o conhecimento sobre essa temática, promover reflexões e, sobretudo, fornecer subsídios para a atuação profissional consciente.

Para além disso, a temática surge de um interesse genuíno e pessoal, impulsionado pela minha própria afinidade e sensibilidade em relação ao assunto. Ao vivenciar o impacto psicológico que a homofobia e a violência contra a população LGBTQIA+ causam em mim, despertou-se uma necessidade de compreender e enfrentar essas situações que afetam diariamente a vida de tantos indivíduos.

Soma-se a isso, a constatação de que há uma lacuna na literatura científica em relação aos estudos que abordam a relação entre a Psicologia e a luta contra a homofobia e a violência direcionada à população LGBTQIA+. Poucos trabalhos se dedicam a examinar essa questão de forma abrangente e aprofundada, o que evidencia a necessidade de ampliar o conhecimento e fornecer subsídios para a atuação profissional na área.

Outrossim, ao investigar e abordar o papel da Psicologia nesse contexto, busca-se ampliar o conhecimento sobre as implicações psicológicas da homofobia e da violência, que pode ser categorizada de variadas formas, como psicológicas, verbal, física, sexual e patrimonial (Parente et al., 2018 apud. Moura e al 2022, p. 2.) O objetivo deste trabalho é promover a reflexão, a conscientização e o engajamento na luta contra a discriminação e a violência, visando garantir os direitos e a dignidade de todos os indivíduos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Ressalta-se que, infelizmente, a violência, a discriminação e o preconceito contra a diversidade sexual ainda persistem e estão em níveis alarmantes no Brasil, apesar dos esforços para implementar dispositivos de proteção e reduzir casos delitivos. (Moura et al, 2022). Assim, diante desses casos de violência direcionados à população LGBTQIA+, é essencial que os profissionais de Psicologia estejam atentos à qualidade de vida dessas pessoas e compreendam plenamente como a vivência da violência, do preconceito e da exclusão afeta sua saúde mental e causa danos significativos.

Portanto, é necessário contar com mecanismos de ação, comportamento e reflexão que orientem os profissionais a lidarem com esses problemas de forma efetiva. Nessa perspectiva, além das crenças religiosas e do suporte social, o enfrentamento também é uma preocupação importante, envolvendo a gestão de problemas e emoções. Essas são formas de enfrentar, superar e viver com qualidade e bem-estar social, relacionados a pensamentos e emoções positivas.

No contexto do combate à homofobia e à violência, são discutidos alguns problemas psicológicos, emocionais e psicopatológicos que podem ocorrer no processo de discriminação, os quais podem causar sofrimento psíquico e afetar a saúde física e mental das pessoas em razão de sua orientação sexual. Como método de enfrentamento, a abordagem cognitivo-comportamental é utilizada com o objetivo de atualizar e processar comportamentos considerados disfuncionais e distorcidos,

por meio de estratégias que possibilitem ao indivíduo viver e se adaptar ao mundo em que está inserido.

Para embasar essa pesquisa, serão utilizadas fontes como artigos científicos, livros e documentos oficiais relacionados ao tema. Dentre os autores que serão consultados, destacam-se: Pinto (2020), Souza (2019), Nascimento (2018) e Santos (2017). Essas referências serão fundamentais para embasar teoricamente a compreensão do papel da Psicologia no combate à homofobia e à violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil.

Esse estudo, fundamentada em uma metodologia qualitativa, decorre com o auxílio de ampla revisão bibliográfica, com base em autores relevantes, de modo a cimentar as teorias observadas e refletidas ao longo da pesquisa.

Por fim, ao final desta pesquisa, espera-se obter resultados que contribuam para ampliar o conhecimento sobre o tema e para subsidiar profissionais da Psicologia e demais áreas de atuação no desenvolvimento de estratégias efetivas de combate à homofobia e à violência, visando à promoção da saúde mental e ao bem-estar da população LGBTQIA+ no Brasil.

## **2- OBJETIVO**

### **2.1 Objetivo Geral**

- Compreender o lugar da Psicologia no combate à homofobia e à violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Identificar quais os tipos de violência vivenciados pela população LGBTQIA+ no Brasil e compreender o impacto na saúde mental sofrido por eles(as) na vivência dessas violências;
- Compreender a categoria social LGBTQIA+ e relações sociais e discriminações sofridas no Brasil;
- Identificar as redes de cuidado onde a Psicologia está presente e que oferece acolhimento à população LGBTQIA+.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia qualitativa foi selecionada como base para esta pesquisa, considerando que ela proporciona uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos sociais e das experiências das pessoas em relação ao mundo social. Conforme Pope e Mays (2005, p. 13 apud Soares, 2020), essa abordagem permite explorar como as pessoas atribuem significado às suas vivências e como compreendem o mundo ao seu redor. Além disso, a metodologia qualitativa enfatiza o desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, utilizando uma abordagem indutiva e interpretativa dos dados descobertos, relacionados ao problema de pesquisa (Soares, 2020, p. 169).

A pesquisa qualitativa associada à revisão bibliográfica é uma abordagem metodológica que visa aprofundar o conhecimento sobre um determinado tema, por meio da análise crítica e sistemática de obras e estudos já publicados. Nesse tipo de pesquisa, o objetivo é compreender, interpretar e sintetizar as informações existentes, de modo a gerar novas perspectivas e insights. (Soares, 2020).

Conforme Deslauriers (1991), a pesquisa em referência permite ao pesquisador ser tanto sujeito quanto objeto de sua própria investigação. Esse enfoque valoriza a subjetividade e a interpretação dos pesquisadores, reconhecendo que seus conhecimentos são limitados e unilaterais. Através da pesquisa qualitativa, é possível, portanto, explorar em profundidade um tema específico, levando em consideração diferentes perspectivas e contextos.

A pesquisa bibliográfica desempenha um papel fundamental nessa abordagem metodológica. Fonseca (2002) nos esclarece que este tipo de pesquisa consiste na busca e análise de materiais teóricos de referência, como livros, artigos científicos e páginas de sites, com o intuito de embasar e fundamentar a pesquisa. É por meio da revisão bibliográfica que o pesquisador pode ter acesso a diferentes pontos de vista, teorias e conhecimentos prévios sobre o tema em questão.

Ainda sobre a revisão bibliográfica, ressalta-se que a seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores, conforme apontado por Mendes et al. (2020). Portanto, é fundamental que haja um rigor metodológico na busca e seleção das fontes de informação, bem como na análise crítica e síntese dos resultados.

Sendo assim, esta pesquisa foi fundamentada em uma abordagem qualitativa, utilizando-se de uma revisão bibliográfica de artigos e livros relacionados ao tema, obtidos por meio do Scielo e Google Acadêmico.

Para a construção teórica deste trabalho, foram selecionados artigos cruciais, tais como "Combater a violência e garantir direitos para a população LGBTQIA+", "Minorias sexuais e homofobia no direito brasileiro: breves delineamentos constitucionais", "Psicologia: ciência e profissão" e "A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos". Um dos artigos que contribuiu significativamente foi "Acolhimento às pessoas LGBTQIA+ nos serviços de saúde", entre outros.

Os autores que mais contribuíram para esta pesquisa foram Pinto (2020), Souza (2020), Rezende (2016), Cassemiro (2015), Nuzzi (2021), Brasil (2002), Santos e Zucco (2017), Cardoso e Ferro (2012). Optou-se por incluir pesquisas realizadas entre os anos de 2002 e 2021. Não houve dificuldades em encontrar estudos relevantes, pois o tema não é recente e as pesquisas encontradas abordavam diversas temáticas essenciais para a elaboração deste trabalho. A pesquisa foi iniciada priorizando a busca de dados no Google Acadêmico, utilizando descritores como violência, população, LGBTQIA+, Brasil, impactos, saúde mental, discriminação e acolhimento. Como critérios de exclusão, foram descartados artigos que não se enquadravam no tema, publicações em idiomas diferentes do português e estudos anteriores a 2002.



## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 Violência e seu Impacto na Saúde Mental da População LGBTQIA+ no Brasil

A princípio, segundo definição de Gonçalves et al. (2020) entende-se que todo e qualquer tipo de conduta decorrente de uma aversão à identidade de gênero e/ou orientação sexual de alguém que possa gerar dano moral ou patrimonial, lesão ou qualquer tipo de sofrimento físico, psicológico e/ou sexual ou morte, configura-se como LGBTfobia.

Para melhor compreender a sigla LGBTQIA+, que designa uma comunidade diversa, é importante destacar as contribuições de diferentes autores. Louro (1997) enfatiza que a sexualidade está intrinsecamente ligada à forma como as pessoas experimentam seus desejos corporais, resultando em identidades sexuais e padrões de relacionamento e atração pelo parceiro. Nesse sentido, as categorias de homossexuais (lésbicas e gays) referem-se àqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo.

Em relação ao conceito de orientação sexual e à sigla LGBTQIA+, Pinto et al. (2020, p. 3) afirmam que a orientação sexual é compreendida como "a capacidade de experimentar, sentir ou desenvolver atração emocional, afetiva ou sexual por outras pessoas". Os autores destacam que, nas fichas de notificação, são apresentadas diferentes orientações sexuais: heterossexual, que se refere a pessoas que sentem atração ou se relacionam com indivíduos do sexo/gênero oposto; homossexual (gay/lésbica), que se refere a pessoas que sentem atração ou se relacionam com indivíduos do mesmo sexo/gênero; e bissexual, que se refere a pessoas que sentem atração ou se relacionam com indivíduos de ambos os sexos/gêneros.

Clarifica ainda o autor<sup>2</sup> que a identidade de gênero é a forma como uma pessoa "se reconhece ou se apresenta em relação ao seu próprio gênero, podendo ou não estar em conformidade com o seu corpo biológico". Na ficha de notificação, as identidades de gênero autodeclaradas pelos usuários dos serviços incluem: travestis

---

<sup>2</sup> Essas definições foram adaptadas do trabalho de Pinto et al. (2020, p. 3), no qual se explora a compreensão e a autodeclaração das orientações sexuais e identidades de gênero na ficha de notificação, levando em consideração o bem-estar biopsicossocial dos indivíduos.

e mulheres transexuais, que nasceram com um corpo designado como masculino, mas se identificam com o gênero feminino, conforme seu bem-estar biopsicossocial; homens transexuais, que nasceram com um corpo designado como feminino, mas se identificam com o gênero masculino, conforme seu bem-estar biopsicossocial; e cisgênero, referindo-se a pessoas cuja identidade de gênero está em conformidade com o gênero atribuído no nascimento, com base no sexo genital. (Pinto et al. 2020, p. 3).

Os comportamentos desrespeitosos e violentos contra a população LGBTQIA+ são amplamente conhecidos como homofobia, termo que descreve o ódio aberto, persistente e disseminado, manifestando-se em uma variedade de atos violentos, que vão desde agressões verbais enquadradas como crimes contra a honra até episódios extremos de violência física, muitas vezes marcados por crueldade, como apontado por Leony (2006). E ainda, devemos levar em consideração a homofobia velada, travestida de tolerância, mas carregada de simbologias e preconceitos arraigados.

Eribon (2008) destaca que, embora as experiências das diferentes formas de homossexualidade possam variar e apresentar singularidades de acordo com o contexto cultural em que estão inseridas, há uma forma específica de violência simbólica direcionada às pessoas com orientação homoerótica. Essa violência é fundamentada em uma visão androcêntrica e tem se mantido difundida ao longo do último século e meio no mundo ocidental. Diante dessa constatação, Eribon propõe a necessidade de questionar a perpetuação dessa violência simbólica, seus efeitos e as resistências que são enfrentadas em relação a ela (ERIBON, 2008, p. 17).

Entretanto, os LGBT'S estão conquistando mais respeito perante a sociedade, motivados pela reverberação de vozes que encontram apoio social, amplificadas pelas redes sociais e tecnologias que permitem atestar atos em flagrantes, porém ainda enfrentam muitos conflitos em relação aos seus direitos e liberdade de expressão (SOUZA, et al., 2020, p. 2).

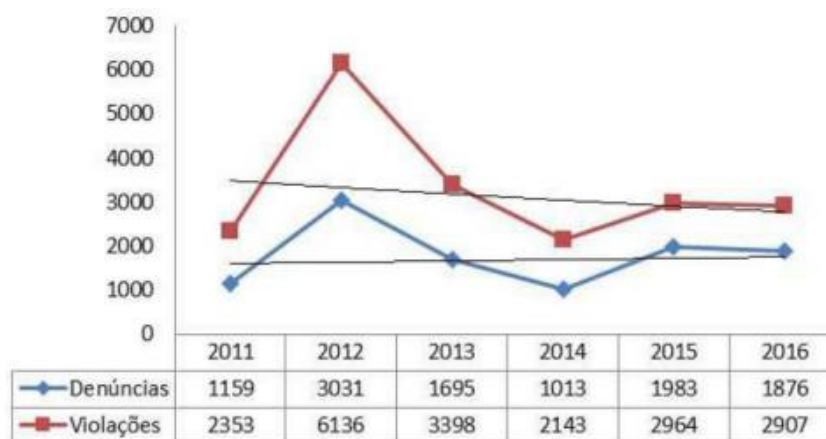
Para Junqueira (2007), termos como LGBTfobia e homofobia costumam ser empregados quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas.

Portanto o ato de se evitar, ter repulsa/nojo, ou qualquer outra reação negativa a homossexuais ou qualquer situação que se associe com o universo homossexual seriam indícios na ideia de “sintomas” de homofobia (RESENDE, 2016, p. 11).

Cassemiro (2015) entende que a homoafetividade, ainda é fenômeno pouco compreendido e duramente reprimido, seja a nível institucional, ou mesmo social e religiosamente, o que reflete nos crescentes índices de violência contra as populações LGBTQIA+, cujo combate encontra diversos obstáculos, demonstrando a necessidade da atuação do Estado no tema

Assim, em razão desses sentimentos de ódio e repulsa desenvolvidos contra indivíduos que se identificam como LGBTQIA+, tem-se um elevado número de casos de homofobia que sucedem no Brasil. Brasil (2008) dispõe que, segundo os indicadores do SUS, no período de 1980 a 2005, foram assassinados 2.511 homossexuais no Brasil, sendo que a maior parte dos crimes ocorreu por motivos homofóbicos. Ainda acerca da ocorrência de casos, a Figura 1 apresenta o total de denúncias/violações contra a população LGBTQIA+ recebidas pelo canal de denúncias, o Disque 100, no período entre os anos de 2011 e 2016. Nuzzi (2021) complementa ainda ao dispor que de janeiro a agosto, 207 pessoas da população LGBTQIA+ foram assassinadas ou se suicidaram em decorrência de crimes de ódio, de acordo com o relatório do Observatório de Mortes Violentas de LGBTQIA+ no Brasil, havendo então uma média mensal de quase 26 mortes.

**Figura 01:** Total de denúncias/violações contra LGBTQIA+ recebidas pelo Disque 100 (2011 a 2016)



**Fonte:** Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Segundo disposto pelo Ministério dos Direitos Humanos, desde que este serviço foi criado, o número de denúncias teve um pico no ano posterior a sua criação

e depois constante queda até 2014, apresentando, em 2015, um aumento de 821 denúncias em relação ao ano anterior e em 2016 uma queda de 107 denúncias.

Leony (2006) explica a etiologia dos delitos contra a população LGBTQIA+ como sendo consequência da ideologia heterossexista que situa os homossexuais como “minorias desprezíveis e desprezadas”, e em razão do fato de muitas vezes viverem na clandestinidade com medo de serem descobertos, são vistos pelos semeadores da homofobia como alvo fácil de chantagens, extorsões e latrocínios.

Dessa forma, de acordo com Albuquerque et al. (2016), qualquer manifestação sexual contrária aos padrões heteronormativos pode vir a ser alvo de violência física, sexual e/ou psicológica

Dentro dessas três categorias que formam a tipologia da violência, se fazem presente as naturezas dos atos violentos, exceto na violência autodirigida e são elas: física, sexual, psicológica e relacionada à privação ou ao abandono (RESENDE, 2016, p. 13).

Segundo Brasil (2008), os indicadores do SUS também revelam que as principais formas de violência são agressões verbais ou ameaças de agressões (55%), seguidas pelas agressões físicas (15%), chantagem ou extorsões (11%), violência sexual (6%).

Acerca de estas violências, Brasil (2002) afirma que várias podem ser as maneiras de suas manifestações dirigida à população LGBTQIA+, tais como agressões; ameaças; humilhações; chantagens; cobranças para mudança de comportamento; discriminação; exploração; crítica pelo desempenho sexual e proibição de socialização, dentre outras condutas.

De acordo com Pinto et al. (2020), violência se constitui em fenômeno complexo, polissêmico e multifatorial, a qual pode resultar em uma miríade de consequências à saúde física e mental da vítima, cujas agressões são muitas vezes letais e precedidas de violência simbólica.

Nota-se que a violência homofóbica é transversal às diversas esferas de convívio social e perpetrada por diferentes sujeitos sociais, próximos ou não daqueles que vivem a violência (SANTOS; ZUCCO, 2017, p. 2).

Assim, Cardoso e Ferro (2012) dispõem que em suma, o que sucede é que a população LGBTQIA+, devido à não adequação de gênero com o sexo biológico ou à identidade sexual não heteronormativa, tem seus direitos humanos básicos agredidos, e muitas vezes se encontra em situação de vulnerabilidade.

O que é demasiadamente sabido, segundo Santos e Zucco (2017), é que as violências perpetradas contra a população LGBTQIA+ são um desafio social, político e intelectual das sociedades contemporâneas. Estes desafios enfrentados trata-se de situações que afetam amplamente a vida destes indivíduos, em diversas áreas, sobretudo em sua saúde mental que é demasiadamente impactada.

A fim de compreendermos melhor os impactos da violência contra a população LGBTQIA+ na saúde mental, é relevante considerar os estudos de Ryan et al. (2009) e Meyer (2003). Esses autores destacam que a violência enfrentada por esse grupo constitui um estressor social significativo, com consequências negativas para sua saúde mental e qualidade de vida. Especificamente, essa violência está associada a um aumento de quase seis vezes na ocorrência de quadros depressivos.

A ocorrência de quadros depressivos pode ser compreendida a partir de diferentes fatores, como sugerido pelos autores. Primeiro, a experiência direta de rejeição ou violência em função da orientação sexual é um fator relevante. Segundo a construção da identidade pessoal a partir das atitudes negativas da sociedade em relação à diversidade sexual também desempenha um papel significativo. Por último, a antecipação do preconceito, que muitas vezes leva à ocultação da orientação sexual, está associada a esse quadro depressivo. (Costa & Nardir, 2015, p.719).

Assim, entende-se que além dos problemas físicos e de saúde que muitas vezes são ocasionados, o psicológico também é amplamente afetado, de modo que Cardoso e Ferro (2012) elencam como alguns problemas desenvolvidos os sentimentos de culpa medo, desconfiança, confusão, insegurança, ansiedade, vergonha, isolamento social, dificuldades de estabelecer e manter relacionamentos amorosos, disfunções sexuais, hostilidade, distúrbios alimentares e uso/ abuso de substâncias psicoativas, dentre outros. No mais, uma vida de medo, abandono, vulnerabilidade e agressão pode gerar cicatrizes psicológicas profunda, segundo nos afirma (CATELAN, s.d.).

Atualmente, de acordo com Mott e Cerqueira (2000), sabe-se que não é rara a notícia de crimes homofóbicos com desfechos que relatam a morte de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e homossexuais, mas que na década de 80, o número de mortes por motivos homofóbicos era de um caso por semana, e esse número passou para um homicídio a cada três dias na década de 90, sendo o início do terceiro milênio marcado por uma morte a cada dois dias.

Acerca dos índices de casos de violência vivenciadas pela população LGBTQIA+ no Brasil, Gonçalves et al. (2020) afirma que seu registro efetivo e devida mensuração ainda é um desafio, seja por altos índices de subnotificação ou por problemas em registro de ocorrências – em que a motivação LGBTfóbica por vezes não é registrada e uma linha de investigação policial neste sentido não é cogitada.

A problemática da violência contra a população LGBTQIA+, baseada em condutas homofóbicas é uma realidade social, e encontra como barreira a carência de dados estatísticos oficiais que possam subsidiar a políticas de enfrentamento (FORMENTO, 2021, p. 5).

Para finalizar, entende-se que o que há no Brasil, segundo Cardoso e Ferro (2012), é uma população LGBTQIA+ - lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros - vulnerável quanto ao atendimento de seus direitos humanos, até mesmo em simples situações cotidianas da vida como o acesso aos serviços públicos de saúde.

#### **4.2 Categoria social LGBTQIA+**

Entende-se por grupo social, segundo a definição da ACNUR (2004), pessoas que têm a mesma origem ou status social comum podendo, ademais, compartilhar determinado modo de vida. Ainda de acordo com Goodwin (1996) existem outros parâmetros para constatar a existência de um grupo social: aparência, interesses, aspirações e/ou valores comuns.

Dentro do grupo social que ora se pretende estudar - LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transsexuais, queer, intersexo, assexuais, e qualquer outra forma identitária de sexualidade, orientação ou gênero), há diferentes categorias, denominadas por Fachinni et al. (2013) de marcadores sociais de diferenças, cujas classificações influenciam diretamente nos tipos de violências perpetradas, bem como apontam para zonas de maior vulnerabilidade, conforme as variantes de sexo, sexualidade e gênero, dentre outros, segundo Formento (2021).

Assim, cada sigla traz consigo uma homossexualidade que a representa e diferencia das outras. Desse modo, é importante perceber a existência de peculiaridades nos indivíduos (BORTOLETTO, 2019, p.11).

Aragusuku e Lopes (2016) apontam que o gênero e a sexualidade são construções históricas e sociopolíticas, sendo noções instrumentalizadas em nossa sociedade para se apresentarem enquanto um dado natural, rígido e imutável.

Por outro lado, Gonçalves et al. (2020) afirma que a população LGBTQIA+ é um grupo multifacetado e, portanto, é preciso considerar que cada subgrupo desta população vivencia vulnerabilidades específicas que impactam sua trajetória.

Estes grupos sociais, compreendidos como as minorias da população, se pautam em sua Diversidade Sexual, a qual, segundo dispõe a Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo (2020) em sua cartilha, trata-se das múltiplas formas de vivência e expressão da sexualidade e da identidade de gênero, motivo este pelo qual é imprescindível dispor de uma distinção entre os conceitos de: sexualidade, sexo biológico, orientação sexual, expressão de gênero e identidade de gênero; visto que a sexualidade humana é formada por uma múltipla combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Segundo Balestro e Bahia (2018, p. 151), visto que ser “LGBTQIA+ não se trata de um “estilo de vida”, uma “opção”, “conduta”, “comportamento”. Está consolidado no meio científico que ser LGBTQIA+ é manifestação natural da sexualidade humana, tão saudável como ser heterossexual” e não está classificada como uma patologia desde 1973, pela associação Americana de psiquiatria. No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de psicologia também foi por esse caminho, ou seja, deixou de considerar a homossexualidade como um desvio sexual.<sup>3</sup>

Acerca da orientação sexual, Cassemiro (2015) afirma ainda que se trata da atração afetiva e sexual que uma pessoa sente pela outra, o impulso erótico que atrai o olhar de interesse e desejo por alguém, distinguindo-se esta facilmente dos outros componentes da sexualidade, entre eles o sexo biológico, a identidade sexual (o senso psicológico de ser homem e mulher) e o papel social de gênero (a adesão a normas culturais de comportamento sexual, papéis sexuais de gênero), porque diz respeito aos sentimentos e à imagem que a pessoa tem de si mesma.

Rodrigues (2010) evidencia que as minorias sexuais e de gênero são pensadas não apenas como Ciências Sociais, Humanas e Psicológicas clássicas, mas caracterizam-se como grupos sociológicos que possuem um lugar delimitado em

---

<sup>3</sup> Em 1999, por meio da Resolução nº 01/1999, o Conselho Federal de Psicologia estabeleceu regras para a atuação dos psicólogos em relação às questões de orientação sexual, declarando expressamente que a “homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão” e proibiu os psicólogos de colaborarem com eventos e serviços que propunham tratamentos e/ou cura da homossexualidade. Em 17 de maio de 1990, a Assembleia-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID) (BALESTRO, BAHIA; 2018, p. 151).

perversas hierarquias de dominação e exploração. Para Albuquerque et al. (2016), os aspectos sexuais inerentes aos seres humanos vêm despertando o interesse de inúmeras pesquisas científicas em diferentes momentos históricos e distintas áreas do conhecimento.

Logo, por meio de dispositivos reguladores acionados por estes grupos sociais de poder e constantemente reafirmados, se (re)produz em nossa sociedade um sistema de diferenças que legitima e justifica a exclusão, discriminação e preconceito contra LGBT's (SANTOS, 2015, p. 12).

É fato que a população LGBTQIA+ e diversidade sexual também traz consigo algumas problemáticas a qual encontram-se atreladas como a homofobia e elevado índice de casos de violência a qual estes são submetidos. Por conta disso, o debate sobre a criminalização da homofobia e transfobia teve início com a proposição dos projetos de lei 4.242/03, 3.770/00, 05/2003 e 5.003/2001, reunidos no PLC 122/2006 (BALESTRO, BAHIA; 2018, p. 150). No mais, estimar o tamanho e o perfil da população LGBTQIA+ é um desafio (SEPLAG, 2017, p. 13).

Bortoletto (2019) expõe que o mundo LGBTQIA+ está hoje tomando ruas, casas, parlamento, lugares onde antes jamais esteve de forma tão visível. O autor afirma ainda que ao passo que o Brasil é o país que tem a maior Parada LGBTQIA+ do mundo, uma manifestação popular que dialoga com a política, gerando eventos em mais de cem cidades de território nacional, ele também lidera o ranking de país que mais mata transexuais e travestis, sendo 868 mortes nos últimos dez anos.

Por fim, entende-se que estes indivíduos LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink), segundo Oliva (2012), são amplamente submetidos, em grande parte do planeta, a uma atmosfera de hostilidade generalizada que resulta em discriminação no âmbito da família, da escola, do trabalho e em meio a outras esferas sociais, não sendo raro que estes sejam vítimas de violência física e psicológica empreendida até mesmo por agentes privados.

Alves [s.d.] afirma que o caminho da construção da cidadania LGBTQIA+ é longo e apresenta diversos desafios, sendo o primeiro passo é garantir que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais tenham acesso a seus direitos básicos e sejam respeitados/as, independentemente de sua orientação sexual e identidade de gênero.



Por fim, Aragusuku e Lopes (2016) dispõem que é inegável que nas duas últimas décadas tivemos grandes avanços, com o reconhecimento de parte significativa do poder público brasileiro da necessidade de implementação de políticas e direitos LGBTQIA+, bem como, para Casemiro (2015), hoje em dia não é possível mais alimentar um discurso de que somos ou vivemos numa sociedade homogênea, há uma diversidade enorme que salta aos nossos olhos e nos confronta no dia a dia.

### **4.3 Relações sociais e discriminações sofridas no Brasil**

Analisando acerca do âmbito nacional, no Brasil, como dispõe Resende (2016), está enraizado diversas crenças religiosas e culturas, as quais espelham em seus fiéis estereótipos de acordo com seus segmentos, assim reforçando o preconceito com determinadas situações da sociedade. Ainda segundo o autor, o preconceito e violência contra a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink (LGBTQIA+) é um exemplo vivo do espelho desses estereótipos impostos à sociedade.

Costa et al. (2015) ao versar que historicamente, a homossexualidade no Brasil, é caracterizada um tanto quanto já dita preconceituosa, pelo fato dessa caracterização se dar pela vinculação aos papéis sexuais dos LGBTQIA+. Para Mott (2012), este ódio é fruto de um processo histórico de censura da prática homossexual, sinalizando movimentos de condenação que atravessaram as relações sociais.

Desse modo, a homofobia pode ser analisada e associada aos aspectos sociais relacionados aos preconceitos, discriminações e violências contra homossexuais, bissexuais e transgêneros, seus comportamentos, aparências e estilos de vida, de acordo com Junqueira (2007). Decorrente desta que advém os atos de repulsa, como a prática da violência contra a população LGBTQIA+, a qual, segundo Resende (2016), está muitas vezes intrinsecamente ligada com a cultura de algumas sociedades.

Reconhecemos que o preconceito, que serve de base para a discriminação, tem origem na ignorância e na falta de informação, conforme apontado por Alves (s.d.). No entanto, como mencionado por Albuquerque et al. (2016), essa discriminação frequentemente é acompanhada por atos de violência física, sexual

e/ou psicológica, especialmente quando ocorrem manifestações sexuais que vão contra os padrões heteronormativos.

De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos (2018), um dos principais desafios para a democracia no Brasil é o desenvolvimento de uma sociedade esclarecida, baseada na não discriminação, em que a liberdade e a identidade de cada indivíduo sejam devidamente consideradas para sua integração na sociedade e para a condução de suas vidas. Para alcançar esse objetivo, é necessário atuar em diversas frentes: promover medidas educacionais, garantir a participação política, assegurar o acesso a serviços públicos de saúde gratuitos e de qualidade, além de proporcionar segurança e justiça capazes de compreender a diversidade.

Ademais, o preconceito e a discriminação estão embutidos no cerne da homofobia que assola a sociedade brasileira e que contribuem para a manutenção do status quo da heteronormatividade através de discursos e práticas que almejam a deslegitimação das relações e direitos de homossexuais masculinos e femininos (SANTOS, 2015, p. 4).

Duarte (2014) nos afirma que na grande maioria das vezes, os agravos à saúde de LGBTQIA+ são determinados socialmente, em função das frequentes violações de direitos a que estão expostos esses sujeitos, mas também de violência e morte, de modo que são expressões das representações e significações socialmente construídas acerca das orientações sexuais tidas como “desviantes” perante a heteronormatividade, representada pela heterossexualidade hegemônica e compulsória da ordem social e moral. O autor afirma ainda que a orientação sexual e a identidade de gênero são reconhecidas pelo Ministério da Saúde como determinantes e condicionantes de situações de vulnerabilidade.

É sabido que existe no Brasil uma cultura de agressão e violação de direitos contra o “diferente”, de acordo com Feijó e Gomes (2018), é possível perceber como são tratadas na sociedade de forma desumana, subalterna e negativamente desigual as pessoas que apresentam alguma característica “não convencional”, como minorias étnicas, minorias sexuais, pessoas de baixo status econômico, dentre outros.

Neste contexto, a violação dos direitos das pessoas LGBTQIA+ é uma realidade cada vez mais presente no país, como nos mostra França et al. (2017), de modo que atualmente, vivencia-se no Brasil um movimento complexo e contraditório, mesmo paradoxal, onde, ao mesmo tempo em que se conquistam direitos, observa-

se o aumento da violência e o alijamento ao direito de ir e vir da população LGBTQIA+, mesmo que seja de forma velada. (FRANÇA et al. 2017, p. 56),

Cassemiro (2015) cita que pessoas LGBTQIA+ estão sujeitas a inúmeras violações de direitos humanos em diferentes partes do mundo, devido às diversas vulnerabilidades impostas por preconceitos e discriminações. Essas violações afetam cidadãos e cidadãs com base em suas características pessoais, como gênero, raça/cor, orientação sexual, identidade de gênero e outros atributos que os tornam seres únicos e merecedores de respeito aos seus direitos individuais.

A homofobia, conforme destacado por Formento e Almeida (2020, p. 1), consiste no menosprezo aos homossexuais, assim como em ações de intolerância que resultam em atos violentos. Dentre as diversas formas de violência perpetradas contra a população LGBTQIA+, destaca-se a variedade de violências às quais eles são submetidos diariamente. Relativamente a essas condutas, aponta Minayo (2003), que são constituintes de um fenômeno social que engloba o uso do poder da força física ou qualquer outra forma de coerção.

Para Silva (2014), as violências contra a população LGBTQIA+ estão presentes nas diversas esferas de convívio social e constituição de identidades dos indivíduos, de modo que suas ramificações se fazem notar no universo familiar, nas escolas, nos ambientes de trabalho, nas forças armadas, na justiça, na polícia, em diversas esferas do poder público. Góis e Soliva (2008) complementam ainda que:

A violação dos direitos humanos e a violência contra homossexuais são cada vez mais comuns, expondo a população LGBT a situações de risco. As formas de violência, tanto físicas quanto verbais, ocorrem principalmente em espaços públicos, onde demonstrações de afeto entre homossexuais e a quebra de expectativas de gênero em relação ao sexo biológico são frequentes. Essas manifestações de preconceito limitam a liberdade das pessoas LGBT, causando medo de frequentar ambientes públicos (Góis, Soliva, 2008, p.76).

Dentre os tipos de violência, Parente et. al. (2018) afirmam que a violência psicológica assume a primeira posição (78,8%) nos tipos de violência pelas quais a população LGBTQIA+ passa ao longo da vida, sendo esse um indício dessa naturalização das agressões psicológicas, o que, em consequência, eleva o risco das violências físicas.

Mendes e Silva (2020) ressaltam que é importante destacar que os homicídios de LGBTQIA+, independentemente de haver homofobia, é um problema de saúde pública e de violação sistemática dos direitos humanos.

A violência motivada pela orientação sexual pode ter diferentes propósitos, como discriminação e exclusão, conforme destacado por Martins et al. (2010). A realidade de violência moral, física e exclusão contra a população LGBTQIA+ é evidente (França et al., 2017). Embora a homossexualidade não seja um crime, ainda é rotulada e reprimida como uma conduta desviante, embora seja legalmente permitida (MARTINS et al., 2010).

A Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (2015) dispõe em sua cartilha que a situação das pessoas travestis e transexuais merece ainda destaque porque, segundo as organizações e especialistas, é um segmento da população LGBTQIA+ que sofre com maior intensidade a violência e a exclusão social, onde está a população trans, que tem seus direitos violados ou negados permanentemente.

Analisando quantitativamente os dados de ocorrências, Bulgarelli dispõe acerca de uma pesquisa, a qual no ano de 2017, houve um aumento alarmante de registros de mortes de pessoas LGBTQIA+ no Brasil, chegando a 445 casos, o que representa um crescimento de quase 30% em relação a 2016. Essa estatística estabeleceu um novo recorde desde o início do monitoramento em 1980. É importante ressaltar que o Brasil é reconhecido como o país com o maior número de assassinatos de travestis e mulheres trans no mundo, conforme revelado por um levantamento realizado pela ONG Transgender Europe (TGEU) (BULGARELLI et al., s.d., p. 8).

Torna-se evidente, segundo Casseiro (2015), que as denúncias de violência contra a população LGBTQIA+ estão aumentando, entretanto, as vítimas ainda temem relatar às autoridades competentes as agressões, além dos que deixam de denunciar por desconhecimento de seus direitos ou por não saber como fazê-lá.

Menezes et al. (2018) explicam que o preconceito e a discriminação em relação à diversidade sexual e de gênero são fenômenos universais, específicos e apropriados por diversos modos de produção. Desse modo, a fim de garantir e promover a cidadania LGBTQIA+, é preciso desconstruir tais ideias equivocadas sobre esta população que estão arraigadas na Sociedade de modo geral, que tem como referencial a lógica da heteronormatividade, visto que “a homofobia, como um efeito de lógicas discursivas heteronormativas, ganha força de exclusão e de violência”. (SANTOS, 2013, p.3).

#### **4.4 Impacto da homofobia e violência na saúde mental da população LGBTQIA+**

A homofobia e a violência direcionada à população LGBTQIA+ são questões relevantes e preocupantes, que causam impacto significativo na saúde mental desses indivíduos. A discriminação e a violência baseadas na orientação sexual e identidade de gênero resultam em efeitos psicológicos prejudiciais que afetam a saúde mental dessa população. Neste contexto, é essencial analisar os efeitos psicológicos da discriminação e violência, a fim de compreender profundamente o impacto dessas experiências na saúde mental dos indivíduos LGBTQIA+ no Brasil.

##### **4.4.1 Efeitos psicológicos da discriminação e violência**

A discriminação e a violência vivenciadas pela população LGBTQIA+ têm efeitos profundos na saúde mental desses indivíduos. Estudos brasileiros têm destacado alguns dos principais efeitos psicológicos decorrentes dessas experiências, como a ansiedade, a depressão, o estresse pós-traumático e a baixa autoestima (Almeida, 2012; Rocha et al., 2018). Além disso, essas vivências adversas podem levar ao desenvolvimento de transtornos mentais, como transtorno de estresse pós-traumático, transtorno de ansiedade e transtorno depressivo maior (Borges et al., 2019; Miranda et al., 2017).

A discriminação e a violência também estão associadas ao aumento do risco de comportamentos autodestrutivos, como ideação suicida e tentativas de suicídio, entre a população LGBTQIA+ (Almeida et al., 2018; Souza et al., 2019). Esses efeitos psicológicos negativos são resultado das experiências de rejeição, exclusão, estigmatização e violência, que afetam a saúde mental e o bem-estar desses indivíduos, que muitas vezes começam dentro do âmbito familiar.

Ao abordar o preconceito contra pessoas LGBTQIA+, é evidente que elas enfrentam situações de vulnerabilidade em diversos aspectos de suas vidas, incluindo as relações familiares. Pesquisas como a de Perucchi, Brandão e Vieira (2014) destacam que a revelação da homossexualidade por parte de um membro da família pode desencadear mudanças na dinâmica familiar, resultando em repressão, isolamento, perda de laços afetivos e outras formas de violência.

O medo de não ser aceito pelos familiares leva muitos indivíduos LGBTQIA+ a enfrentar dificuldades em revelar sua orientação sexual ou até mesmo a negar sua identidade, o que impede a vivência plena de sua sexualidade (SOUZA; SILVA, 2018; CRUZ; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2019). Esses dados são corroborados por Santana Júnior e Ceccarelli (2020), que destacam a incerteza da reação de familiares e amigos como um dos principais temores de adolescentes homossexuais ao se assumirem.

Essas reflexões nos alertam para a importância de criar ambientes familiares e sociais acolhedores e livres de preconceitos. É essencial que se promova a aceitação e o respeito à diversidade sexual, garantindo que as pessoas LGBTQIA+ possam expressar sua orientação sexual sem medo de rejeição ou violência. Além disso, profissionais da Psicologia desempenham um papel fundamental nesse contexto, fornecendo suporte emocional, orientação e promovendo o fortalecimento psicológico desses indivíduos e suas famílias, contribuindo para o seu bem-estar e qualidade de vida.

A homofobia e a violência dirigida à população LGBTQIA+ têm um impacto profundo e negativo na saúde mental desses indivíduos. Os efeitos psicológicos da discriminação e violência são variados e os resultados de todo um contexto de violência “podem desencadear diversos fatores sociais, sendo ligados aos índices de mortalidade, suicídios, transtornos socioafetivos e derivados” (Moura et al, 2022, p.2), e incluem “ansiedade, depressão, estresse pós-traumático, baixa autoestima e aumento do risco de comportamentos autodestrutivos”. (Moura et al, 2022, p.2). É fundamental que a sociedade e os profissionais de saúde, incluindo os psicólogos, estejam atentos a essas questões e trabalhem para combater a homofobia, promover a igualdade de direitos e oferecer suporte adequado à população LGBTQIA+.

A homofobia e a violência direcionada à população LGBTQIA+ têm consequências significativas para a saúde mental e o bem-estar desses indivíduos, visto que pode comprometer a sua “rotina, trabalho, família, vida amorosa entre outros.”

Sendo assim, a discriminação e a violência baseadas na orientação sexual e identidade de gênero resultam em efeitos adversos que afetam profundamente a saúde mental da comunidade LGBTQIA+, de modo que é essencial examinar as consequências para a saúde mental e bem-estar desses indivíduos, a fim de compreender a magnitude do impacto da homofobia e violência nessa população no contexto brasileiro.

#### 4.4.2 Consequências para a saúde mental

A homofobia e a violência têm impacto negativo na saúde mental da população LGBTQIA+, levando ao desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade e depressão (Duarte et al., 2019; Nardi et al., 2013). Estudos mostram que indivíduos LGBTQIA+ são mais propensos a experimentar sintomas de estresse, ansiedade e depressão em comparação com a população heterossexual (Meyer, 2003; Rocha et al., 2019). Essas condições podem prejudicar o funcionamento emocional, social e ocupacional dos indivíduos, comprometendo seu bem-estar geral.

Além disso, a exposição contínua à homofobia e violência pode levar a um aumento do risco de suicídio entre a população LGBTQIA+. Estudos<sup>4</sup> mostram que indivíduos LGBTQIA+ têm uma maior prevalência de ideação suicida e tentativas de suicídio em comparação com indivíduos heterossexuais (Miranda et al., 2019; Souza et al., 2017). A falta de apoio social, o isolamento e a discriminação contribuem para esse aumento do risco suicida.

A homofobia e a violência afetam negativamente o bem-estar e a qualidade de vida da população LGBTQIA+. O estigma e a discriminação prejudicam a autoestima, a identidade e a aceitação pessoal, dificultando a formação de relacionamentos saudáveis e o desenvolvimento de uma identidade positiva (Costa et al., 2016; Mohr & Fassinger, 2003). A negação de direitos básicos, como o direito ao casamento e à adoção, também contribui para um ambiente desfavorável à saúde mental e ao bem-estar dessa população (Pinto, 2019).

A homofobia e a violência têm um impacto significativo na saúde mental e no bem-estar da população LGBTQIA+. As consequências incluem o aumento do risco de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, além do aumento do risco suicida. A discriminação e a falta de aceitação social afetam negativamente o bem-estar e a qualidade de vida desses indivíduos. É fundamental promover a conscientização, a educação e a implementação de políticas de inclusão e proteção

---

<sup>4</sup> Neste estudo, os pesquisadores realizaram uma revisão sistemática da literatura para examinar o comportamento suicida entre jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT). Eles encontraram evidências que indicam que indivíduos LGBTQIA+ têm uma maior prevalência de ideação suicida e tentativas de suicídio em comparação com indivíduos heterossexuais. Miranda, L., Rodrigues, A., & Guilhermino, L. (2019). Suicidal Behavior Among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth: A Systematic Review. *Journal of Homosexuality*, 66(2), 165-183.

dos direitos da comunidade LGBTQIA+ para mitigar esses efeitos negativos e promover a saúde mental e o bem-estar dessa população.

#### **4.5 Redes de cuidado: a Psicologia presente e o acolhimento à população LGBTQIA+**

É sabido que as adversidades e desafios enfrentados pela população LGBTQIA+ ocasiona impactos na saúde destes, de modo a os afetar psicologicamente e prejudicar a saúde mental desses indivíduos. Para Souza et al. (2020), é notável como o preconceito influencia a vida da população LGBTQIA+ e, conseqüentemente, afeta a saúde mental dessas pessoas, de modo que neste viés, o apoio da sociedade de modo geral tem grande influência na qualidade de vida destes.

Catelan [s.d.] exemplifica acerca do desgaste e cansaço mental que estes indivíduos têm ao dispor que existem achados que apontam que jovens LGBTQIA+ que experimentam preconceito e rejeição na família e outras redes de apoio podem estar de quatro a oito vezes mais propensos a tentativas de suicídio. O autor elenca ainda casos de níveis de depressão, ansiedade, abuso de substâncias e tentativas de suicídio.

Lanz (2014) cita que estes conflitos enfrentados no meio social, na maioria das vezes, são em virtude das condutas dos indivíduos LGBTQIA+, seja ela por vestimentas, adereços ou mudanças físicas, aos quais são rotuladas como infratores de normas e regras estabelecidas socialmente.

Deste modo, sinaliza Souza et al. (2020), que a saúde mental de pessoas LGBTQIA+ é constantemente prejudicada e necessita de uma atenção dos profissionais da psicologia, que devem ser qualificados para atender tal demanda e para gerar maior confiança e conforto a esses sujeitos, que sofrem frequentemente com a violação de seus direitos e constante violência perante a sociedade.

Nascimento (2018) nos lembra que é de extrema importância o apoio psicológico tanto para o LGBTQIA+ quanto para a família, de modo, que este auxílio pode ajudar na compreensão e servir como um suporte maior no processo de aceitação para as pessoas que estão se descobrindo e revelando esta informação para a família.

A Organização Mundial da Saúde – OMS compreende a necessidade de combater a homofobia no SUS, com a proteção do direito livre à orientação sexual e



à identidade de gênero, que não é apenas uma questão de segurança pública, mas sim de saúde mental e precaução a outras vulnerabilidades (BRASIL, 2013, p. 32ii).

Atualmente, no Brasil, a Psicologia tem uma Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) aprovada no ano de 1999 que estabelece que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio ou perversão (TOLEDO; PINAFI, 2012, p. 155).

O Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal (2020, p. 7-8) dispõe que:

Muito mais do que apenas aprender sobre os direitos LGBTQIA+, é crucial aprendermos que precisamos estar atentos às suas demandas, não pressupondo que as conhecemos sem, antes, escutar. Isso torna o atendimento mais humanizado, trabalha o exercício da empatia, promove maior engajamento, previne imperícia e falta de acessibilidade por parte de profissionais (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL, 2020, 7-8).

Como disposto no Código de Ética (2005), o psicólogo pode ser um importante aliado na orientação da pessoa, dos familiares e da população em geral, a respeito da discriminação em função da identificação de gênero e, desse modo, contribuir tanto na inserção do indivíduo no contexto social quanto em seu reconhecimento como pessoa ativa, em processo de construção.

As ferramentas psicoterápicas afirmativas podem ajudar a reduzir os efeitos deletérios do estigma, minimizar o sofrimento, potencializar a resiliência, fortalecer redes de apoio, aumentar a assertividade e otimizar o funcionamento psicológico (CATELAN, s.d.), bem como Souza et al. (2020) afirma que:

Neste sentido, um olhar mais amplo para essa população trará grande benefício na esfera psicológica, podendo assim, ter grandes chances de evitar distúrbios psicológicos e até mesmo suicídios, advindos de exclusão social e preconceitos. Além disso, se houver uma melhora na assistência de saúde para esse público, haverá uma maior procura destes serviços, o que ocasionará um aumento na saúde física dos GLBT e conseqüentemente uma melhora na qualidade de vida (SOUZA, et al., 2020, p. 11-12).

Assim, é necessário educar a população de uma forma geral, segundo o Psicólogo da Sanar Saúde [s.d.], através da psicoeducação, por meio da qual é

possível instruir e incentivar mais pessoas a buscarem terapia para compreender melhor suas emoções.

Sendo assim, acolher e promover o bem-estar da população LGBTQIA+ são desafios fundamentais para a Psicologia. Através do desenvolvimento de redes de cuidado e apoio, essa disciplina pode desempenhar um papel significativo na promoção da saúde mental e no combate à homofobia e à violência dirigida a essa população.

Segundo Souza e Carneiro (2020), é essencial que a psicologia esteja presente na construção de espaços seguros e acolhedores, onde os indivíduos LGBTQIA+ possam expressar suas identidades, experiências e desafios sem medo de discriminação ou preconceito. Essas redes de cuidado devem ser multidisciplinares, envolvendo profissionais de diferentes áreas, além de organizações e ativistas engajados na defesa dos direitos LGBTQIA+.

Está claro que o papel da Psicologia vai além do suporte individual. Através de programas de prevenção, intervenção e educação, ela pode contribuir para a conscientização sobre questões de gênero e orientação sexual, promovendo a inclusão e o respeito à diversidade. Segundo Figueiredo e Soares (2019), é fundamental que os profissionais de Psicologia estejam preparados para lidar com as demandas específicas da população LGBTQIA+, compreendendo suas particularidades e necessidades.

Além disso, o acolhimento psicológico e terapêutico é uma parte importante das redes de cuidado. Segundo Arocas (2018), é essencial que os profissionais de psicologia desenvolvam uma postura empática e livre de preconceitos, oferecendo um espaço seguro e confidencial para que os indivíduos em referência possam explorar suas identidades, lidar com o estigma e a discriminação, e desenvolver estratégias de enfrentamento saudáveis

Diante desse cenário, que resulta em cicatrizes psicológicas profundas, Catelan [s.d.] versa acerca do papel de profissionais da psicologia, como a possibilidade de proporcionar acolhimento de qualidade para a população LGBTQIA+, tendo um entendimento adequado acerca da forma como a experiência de exposição à violência, preconceito e rejeição pode impactar a saúde mental e trazer uma série de prejuízos. O autor dispõe ainda que conforme orientações da American Psychological Association (2009), psicólogas e psicólogos devem receber treinamento e formação específicos em psicologia do preconceito e saúde mental da população LGBTQIA+, a

fim de desenvolver práticas psicológicas afirmativas, informadas por evidências e culturalmente adequadas para reconhecer e validar as especificidades das vivências de pessoas LGBTQIA+.

Por fim, Souza et al. (2020) dispõe que se faz necessário o papel da psicologia na vida da população LGBTQIA+, pois o medo que esses indivíduos sentem de assumir a sua orientação sexual diante de outras pessoas, faz com que a sua saúde mental fique abalada e necessite de um apoio psicológico de um profissional. O referente afirma ainda que havendo este devido acolhimento de indivíduos LGBTs, realizado de maneira humanizada e democrática, esta atitude poderá gerar um sentimento de acolhimento nessas pessoas, o que também poderá contribuir para uma saúde física e mental mais saudável, fazendo com que os indivíduos LGBTs se sintam mais pertencentes e confortáveis na sociedade em que vivem.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a realização do presente trabalho, foram obtidos aproximadamente 50 materiais bibliográficos que serviram para uma devida fundamentação e base para a elaboração deste como artigos científicos, livros, teses, sites, dentre outros. Dentre estes, alguns foram ainda mais completos em sua abordagem íntegra e foram amplamente utilizados.

Na tentativa de compreender quanto ao devido lugar e importância da psicologia no combate à homofobia e à violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil, o presente estudo se preocupou em analisar acerca desta minoria social de modo geral, desde seu histórico às dificuldades enfrentadas e como afetam sua saúde mental e a necessidade de atuação deste profissional. Para tal, fora disposto abaixo, na tabela 1, títulos, objetivos, resultados, com a respectiva fonte, isto é, autor e ano da realização das obras, que versem a respeito desta temática de modo geral.

TÍTULO	OBJETIVO	RESULTADO	FONTE
Homofobia e violência contra população LGBTQIA+ no Brasil: uma revisão narrativa.	Conhecer quais são os tipos mais presentes de violência que a população LGBTQIA+ sofre no Brasil, com base em uma revisão narrativa.	Quanto ao conceito de homofobia, tratá-la como doença, reforçar o conceito patológico. É como um reforço a perpetuação do preconceito e da violência. Já que legitima o agressor como paciente de saúde mental e não um agressor, perigoso que ataca uma pessoa ou um grupo, com violência verbal ou física, somente por ela ser homossexual.	Resende (2016).
O direito à saúde da população LGBTQIA+: desafios contemporâneos no contexto do sistema único de saúde (SUS).	Avaliar as mudanças ocorridas na atenção à saúde da população LGBTQIA+ entre 2013 e 2019, ou seja, desde a publicação do artigo referenciado até o ano de 2019.	A necessidade de posicionamento da Psicologia nos processos de aprimoramento do SUS, a partir das compreensões de fluxos subjetivos e de relações de poderes sociais.	Melo, et al. (2020).

<p>Violência e homofobia: um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBTQIA+ em Mato Grosso do Sul.</p>	<p>Discutir parte dos resultados do projeto de pesquisa “Violência e Homofobia: Um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBTQIA+ em Campo Grande”. O projeto teve como objetivo fazer uma análise de dados quantitativos e qualitativos acerca dos crimes e discursos homofóbicos.</p>	<p>Para finalizar, pode-se inferir que ser ou não homossexual não pode ser considerado uma escolha. O indivíduo pode escolher adotar ou não uma identidade gay. Quando decide adotar um “estilo de vida gay”, enunciado por Foucault (1999), o indivíduo tem que passar pelo rito de se assumir como tal, termo também utilizado como “sair do armário” ou “coming out”, no que consiste em revelar a sua orientação sexual, seja para seus familiares, amigos ou colegas, ganhando assim uma visibilidade desafiando o discurso sexual hegemônico.</p>	<p>Gomes, Reis e Kurashige (2014).</p>
<p>Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil</p>	<p>Determinar o perfil de violência psicológica perpetrada contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink (LGBTQIA+) no interior cearense.</p>	<p>Os achados do estudo permitiram caracterizar a violência psicológica como um fenômeno complexo e multidimensional, enquanto reflexo do preconceito e hostilidade direcionados às expressões de sexualidade não heteronormativas, além de figurar como problema de saúde pública.</p>	<p>Albuquerque, et al. (2016).</p>

Por meio destes resultados obtidos e interpretados no decorrer do pertinente trabalho, firmou-se a discussão acerca da análise da importância e necessidade da atuação do profissional da Psicologia no acolhimento dos indivíduos da população LGBTQIA+, bem como quanto à proteção dos direitos destes. Os objetivos, tanto geral como específicos, que foram inicialmente almejados neste estudo puderam ser devidamente atingidos, de modo que foram vistos de maneira delineada e fomentados de acordo com as fundamentações teóricas de alguns autores em suas obras.

## 6. CONCLUSÃO

Pudemos constatar que a psicologia desempenha um papel importante no combate à homofobia e à violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil, como ficou evidente nas considerações de Dias et al. (2019) e Sousa et al, (2002). Diante das inúmeras discriminações e violências sofridas por essa categoria social, é crucial que a psicologia esteja presente para promover ações de acolhimento, apoio e cuidado. (Souza e Carneiro 2020)

Verificamos também que a violência vivenciada pela população LGBTQIA+ tem um impacto significativo em sua saúde mental. (Moura et al, 2022). As relações sociais marcadas por preconceitos e discriminações geram um contexto de exclusão e marginalização, resultando em maior vulnerabilidade psicológica. (Moura et al, 2022). Nesse sentido, a psicologia tem a responsabilidade de contribuir para a promoção da saúde mental desses indivíduos, oferecendo suporte emocional, acompanhamento terapêutico e estratégias de enfrentamento diante das adversidades enfrentadas.

Além disso, a intervenção psicológica tem um papel relevante na desconstrução dos estereótipos e padrões heteronormativos presentes na sociedade., (Figueiredo e Soares (2019), o que pode ser feito por meio de ações educativas, conscientização e sensibilização, os profissionais de psicologia podem contribuir para a construção de uma cultura mais inclusiva, que respeite a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero.

A psicologia também pode atuar no desenvolvimento de redes de cuidado voltadas para a população LGBTQIA+. Essas redes envolvem o trabalho em equipe multidisciplinar, que inclui psicólogos, assistentes sociais, médicos e outros profissionais de saúde. O acolhimento oferecido por essas redes busca garantir o acesso a serviços de qualidade, como atendimento psicológico, acompanhamento médico, suporte jurídico e social. (Souza e Carneiro 2020).

É necessário ressaltar também que o combate à homofobia e à violência contra a população LGBTQIA+ não é responsabilidade exclusiva da psicologia, mas sim de toda a sociedade. (Casemiro, 2015). No entanto, a contribuição da psicologia é um importante contributo para promover a igualdade de direitos, a valorização das diversidades e a construção de um ambiente social mais justo e inclusivo.

Dotados de histórias no decorrer de sua vida, a população LGBTQIA+ é profundamente marcada por impactos e cicatrizes decorrentes dos diversos fatos que enfrentaram como desafios e adversidade, tendo em vista que são bastante vulneráveis. (Catelan s.d). Apesar de atualmente já ocupar uma posição cujos direitos já são mais protegidos e garantidos pela Legislação, ainda assim vivenciam diversos tipos de violações a estas através da prática de condutas ilícitas, havendo assiduamente a violação de seus direitos humanos.

Respaladas e fundamentadas em pensamentos retrógrados e intolerantes que se encontram enraizados no âmbito da Sociedade, diversos indivíduos acreditam estarem atuando de maneira devida ao realizarem a prática de atos lesivos, como o uso da violência, à esta parcela da população. A prática de violência bem como de comportamentos agressivos e de repúdio contra estes trata-se de condutas homofóbicas, como sinaliza Formento (2021), as quais são ainda mais danosas do que é visto, tendo em vista que os afeta demasiadamente e os causa severos impactos em sua saúde mental.

Assim, no decorrer do presente trabalho foi possível averiguar acerca dessa temática de maneira delineada e fundamentada, onde entendeu-se a maneira que a homofobia de modo geral e suas condutas de ódio e violência, como apontado por Leony (2006), são responsáveis por ocasionar diversos danos à vida dos indivíduos. O posicionamento e disposição da temática segundo a visão dos autores no supracitado levantamento bibliográfico serviu como base para comprovar quanto a crescente ocorrência dos casos de homofobia e violências mesmo havendo a decorrência de dispositivos legislativos de proteção à população LGBTQIA+.

Por fim, entende-se que na contemporaneidade há a decorrência de uma sociedade mista, a qual é composta por diversidades e diversas distinções em cada indivíduos. Entretanto, ainda persiste no contexto social contemporâneo o preconceito relacionado à orientação sexual, onde os indivíduos dessa minoria social passam diariamente por diversas adversidades, (Sousa et al, 2020), sendo necessário efetivar o respeito pelos indivíduos LGBTs e seu devido acolhimento de forma humanizada.

Desse modo, faz-se mister dispor de meios que visem a promoção e assídua defesa da população LGBTQIA+ e seus devidos direitos, advindo das autoridades e demais responsáveis, se atentando às situações decorrentes no cotidiano destes, identificando o que viola suas prerrogativas constitucionalmente garantidas e dispondo de recursos que propiciem melhorias de saúde mental dessas pessoas e na



qualidade de vida, bem como evitar qualquer tipo de dano. Dentre estes meios a serem utilizados e dispostos na Sociedade tem-se projetos sociais, campanhas midiáticas e demais ações que sirvam para auxiliar, tanto de maneira repressiva como preventiva, os indivíduos da população LGBTQIA+ que sofrem com diversas formas de violências. (Souza e Carneiro, 2020).

## 7. REFERÊNCIAS

ACNUR. **Manual de Procedimentos e Critérios para a Determinar a Condição de Refugiado**, s.l., Acnur Brasil, 2004.

ARAGUSUKU, Henrique Araújo; DE SOUZA LOPES, Moisés Alessandro. **Preconceito, discriminação e cidadania LGBT: Políticas públicas em Mato Grosso e no Brasil**. ACENO-Revista de antropologia do Centro-Oeste, 2016

ALVES, Heloisa Gama. **Diversidade sexual e a cidadania LGBT...** Governo de São Paulo. Cartilha de diversidade sexual 2021. Disponível em <https://justica.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/cartilha-diversidade-sexual-1%C2%AA-EDI%C3%87%C3%83O-2014.pdf>. Acesso em 10 jun de 2023.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Report of the Task Force on Gender Identity and Gender Variance**. Washington, DC, 2009.

ARAGUSUKU, Henrique Araújo; LOPES, Moisés. **Preconceito, Discriminação e Cidadania LGBT: Políticas Públicas em Mato Grosso e no Brasil**, 2016.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RS. **Combater a violência e garantir direitos para população LGBT**. Cartilha LGBT, 2015.

BALESTRO, Gabriela Soares; BAHIA, Alexandre Melo Franco de Moraes. **Minorias sexuais e homofobia no direito brasileiro: breves delineamentos constitucionais**. Revista Videre, Dourado, 2018.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. São Paulo, 2019.

Brasil. Ministério da Saúde. **Painel de Indicadores do SUS nº5 - Prevenção de Violências e Cultura de Paz**. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: 1ª ed., 1ª reimp., 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília, DF, 2002.

CARDOSO, Michelle Rodrigues; FERRO, Luís Felipe. **Saúde e População LGBT: De mandas e Especificidades em Questão**. Psicologia: ciência e profissão, 2012.

CASSEMIRO, Luiza Carla. **Homofobia, lesfobia, transfobia: toda forma de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero e a repercussão nos meios de comunicação**. VII Jornada Internacional Políticas Públicas. São Luis, 2015.

CATELAN, Ramiro Figueiredo. **O papel da psicologia no trabalho com a população LGBT**. [s.d.]. Disponível em: < <https://www.cefipoa.com.br/br/o-papel-da-psicologia-no-trabalho-com-a-populacao-lgbt>>. Acesso em 15 de dez. de 2022.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. **Resolução CFP nº 010/2005**. Brasília, DF: CFP, 2005.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL. **Acolhimento às pessoas LGBTQI+ nos serviços de saúde**, 2020.

COSTA, Ângelo Brandelli; et al. **Homofobia e Preconceito contra Diversidade Sexual: Debate Conceitual**. Temas em Psicologia, 2015.

COSTA, A. B., Fontanari, A. M. V., & Mosmann, J. V. **Violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais: revisão sistemática de literatura**. Estudos de Psicologia, 2016.

COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. **Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual**. Temas em psicologia, 2015.

CRUZ, H. A. B.; OLIVEIRA, L. C.; ARAÚJO, R. L. M. S. **Homossexuais e sofrimento psíquico - homofobia em contexto intrafamiliar**. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 2019.

DOS SANTOS, Matheus Elias; DE LIMA, Fábio Costa. **Impactos do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+: breves apontamentos.** Revista Mosaico, 2022.

Duarte, A. L., Pires, C. A., & Gonçalves, T. R. **Relação entre homofobia internalizada e saúde mental em indivíduos LGBTQ+.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2019.

DUARTE, Marco José de Oliveira. **Violência, saúde e direitos GLBT: análise crítica sobre itinerários e percursos.** Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Vitória, 2018.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Trad. de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. **Convenções de gênero, sexualidade e violência: pesquisa com participantes de eventos do Orgulho LGBT de São Paulo.** Latitude, 2013.

FEIJÓ, Vladimir Pinto Coelho; GOMES, Daniel Santos de Castro. **Violação Dos Direitos Humanos Via Discriminação: Um Panorama Da Violência Pelo Viés Da Interseccionalidade.** Revista Digital Constituição E Garantia De Direitos, vol. 11, nº 1, 2018.

FORMENTO, Jacyara dos Anjos Sarges. **Violência homofóbica: análise dos crimes registrados na Delegacia de Combate aos Crimes Discriminatórios e Homofóbicos de Belém – Pará – Tese de Doutorado.** Universidade Federal do Pará. Brasil. Belém-Pará, 2021.

FORMENTO, Jacyara dos Anjos Sarges; ALMEIDA, Silvia dos Santos. **Violência homofobia: revisão sistemática da literatura.** Ressorce, Society and Development, 2020.

FRANÇA, Rebecka. **LGBTfobia, violência, preconceito e discriminação: mapeando a violência contra pessoas LGBT'S no Rio Grande Do Norte.** V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; DENISE, Tolfo Silveira. **Métodos de pesquisa**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 15 de out. de 2022.

GÓIS, J. B. H., SOLIVA T. B. **A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos**. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, MG, Brasil, 2008.

GOMES, A. M.; FRANCISCO DOS REIS, A.; KURASHIGE, K. D. **Violência e homofobia: um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, 2011.

GONÇALVES, Alice Calixto; et al. **A Violência LGBTQIA+ No Brasil**. Clínica de Políticas de Diversidade da FGV Direito SP. 2020.

GOODWIN-GILL, Guy S. **The Refugee in International Law**, 2ª ed., Oxford: Oxford University, 1996.

JUNQUEIRA, Rogério. **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades, vol. 1, nº 1, Natal-RN, Jul-dez 2007.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênero entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação de mestrado em Sociologia. da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

LEONY, M. C. **Homofobia, controle social e política pública de atendimento. 2006. 116 f.** Trabalho de pós graduação Lato Sensu. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MARTINS, Marco Antonio Matos; FERNANDEZ, Osvaldo; NASCIMENTO, Érico Silva do. **Acerca da violência contra LGBT no Brasil: entre reflexões e tendências**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2010.

MELO, Izabella Rodrigues; et al. **O direito à saúde da população LGBT: desafios contemporâneos no contexto do sistema único de saúde (SUS)**. Rev. Psicol. Saúde. jul./set, 2020.

MENDES, Wallace Góes; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos. **Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial**. Revista Ciência e saúde coletiva, 2020.

MENEZES, Moisés Santos; et al. **LGBT e mercado de trabalho: uma trajetória de preconceitos e discriminações**. Conquer: 2018.

MINAYO, M. C. S. **Violência contra idosos: relevância para um velho problema**. Cadernos de Saúde Pública, 2003.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. Secretaria Nacional de Cidadania. **Violência LGBTfóbicas no Brasil. Dados da violência**. elaboração de Marcos Vinícius Moura Silva – Documento eletrônico – Brasília, 2018.

MOURA, Luiz Wescley Fontelene et al. **Violência e População LGBTQIA+: Impacto na Saúde Mental e a importância da Rede de Atenção**. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, 2022.

MOTT, L.; CERQUEIRA, M. **Causa mortis: homofobia. Violação de direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil**. Salvador, BA: Editora Grupo Gay da Bahia. 2000.

NASCIMENTO, G. C. M. **A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica**. Ribeirão Preto, 2018.

NUZZI, Vitor. **Mortes violentas de LGBTI**. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/09/mortes-violentas-de-lgbti-ja-superam-200-no-ano-e-devem-ultrapassar-total-de-2020/>>. Acesso em 20 de dez. de 2022.

OLIVA, Thiago Dias. **Minorias sexuais enquanto “grupo social” e o reconhecimento do status de refugiado no Brasil**. São Paulo: 2012.

PARENTE, J.; et al. **Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro**. Revista de Salud Publica, 2018.

PINTO, Isabella Vitral; et al. **Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação de 2015 a 2017**. Brasil, Rev Bras Epidemiol, 2020.

PINTO, L. W. **Direito humano à identidade de gênero: a negação do direito ao reconhecimento das famílias homoafetivas**. Revista dos Tribunais, 2019.

SANAR, Centro de Psicologia. **Saúde mental da população LGBTQIA+: uma atenção necessária**. Disponível em: <  
<https://www.sanarsaude.com/portal/carreiras/artigos-noticias/colunista-psicologia-saude-mental-da-populacao-lgbtqia-uma-atencao-necessaria>>. Acesso em 20 de dez. de 2021.

RESENDE, Livia da Silva. **Homofobia e Violência Contra População LGBT no Brasil: Uma Revisão Narrativa**. Brasília, 2016.

Rocha, A. P. R., Barros, C. R. D. S., & Chaves, M. L. V. **Prevalence and factors associated with anxiety and depression in transsexual women**. Archives of Clinical Psychiatry. São Paulo), 2019.

RODRIGUES, Henrique José Alves. **Pensando minorias sexuais e de gênero sob a perspectiva das políticas pública e de subjetivação**. Vitória, 2010.

RYAN, C. et al. **Family rejection as a predictor of negative health outcomes in white and latino lesbian, gay, and bisexual young adults**. Pediatrics. Springfield magazine, 2009.

SANTOS, Daniel Kerry dos. **As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia**. Rev. Epos [online], 2013.

SANTOS, Ana Rita Rodrigues. **O Preconceito nas Relações Sociais Entre Homossexuais e Heterossexuais: Uma Análise Documental**. Belo Horizonte: 2015.

SANTOS, Darlana Trevisol; ZUCCO, Luciana Patrícia. **Violência e diversidade sexual: uma análise sobre a produção de conhecimento**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

SECRETARIA DA JUSTIÇA E CIDADANIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Diversidade Sexual. Diversidade sexual e cidadania LGBTI+**. Coordenação de Políticas para a 4ª ed. São Paulo: SJC/SP, 2020.

SEPLAG. **Um olhar sobre a população LGBT no Distrito Federal**. Brasília: 2017.

SILVA, J. C. P.; CARDOSO, R. R.; CARDOSO, A. M. R.; GONÇALVES, R. S. **Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência** *Ciência & Saúde Coletiva*, Revista Ciência & Saúde Coletiva, 2021.

SILVA, Elson Luiz Brito. **Violência homofóbica e os novos movimentos sociais LGBT**. Belém, 2014.

SOUZA, Alini Basso; et al. **Os impactos do preconceito social e familiar na saúde mental das lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais**. *Research, Society and Development*, 2020.

TOLEDO, Livia Gonsalves; PINAFI, Tânia. **A clínica psicológica e o público LGBT**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, 2012.

SEM AUTOR. **Tipos de revisão de Literatura**. Biblioteca prof. Paulo de Carvalho Mattos. Faculdade de ciências agrônômicas. UNESP, Botucatu. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>. acesso em: 20 de out. de 2022.